

---

## **Dislexia e Prática Docente Numa Escola da Rede Pública de Ensino do Município de Rolim de Moura – RO**

Criscilan Raiane de Freitas Ponce

*Universidade Federal de Rondônia – UNIR*

Francisca Valda Gonçalves

*SEDUC/RO*

Eraldo Carlos Batista

*Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT*

---

**Resumo:** Este estudo objetivou analisar as práticas de cinco professores de uma escola da rede pública de ensino do município de Rolim de Moura – RO com alunos disléxicos. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa do tipo descritiva. As informações foram coletadas por meio de uma entrevista semiestruturada e analisadas seguindo as orientações da Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram que a Dislexia é compreendida pelos professores apenas como um transtorno relativo às dificuldades de escrita e leitura, desconsiderando outras características. Constatou-se, ainda, que os recursos oferecidos pela escola para o atendimento do aluno disléxico são escassos e a falta de investimento em formação continuada tem sido considerada pelos professores como uma dificuldade no atendimento ao aluno disléxico. Conclui-se que os professores têm se empenhado em desenvolver estratégias de acompanhamento que auxiliem no desenvolvimento escolar do aluno com dislexia. Contudo, faltam investimentos e efetivação de políticas públicas educacionais que deem suporte a esses profissionais no desenvolvimento de suas atividades.

**Palavras-Chave:** Dislexia. Aluno. Professor. Escola pública.

## **Dyslexia And Teaching Practice at a Public School in The Municipality of Rolim de Moura – RO**

**Abstract:** This study aimed to analyze the practices of five teachers from a public school system in the municipality of Rolim de Moura - RO with dyslexic students. The research was carried out through a qualitative approach of the descriptive type. The information was collected through a semi-structured interview and analyzed according to the Content Analysis guidelines. The results pointed out that Dyslexia is understood by the teachers only as a disorder related to the difficulties of writing and reading, disregarding other characteristics. It was also verified that the resources offered by the school for the care of the dyslexic student are scarce and the lack of investment in continuing education has been considered by the teachers as a difficulty in the care of the dyslexic student. It is concluded that the teachers have been engaged in developing strategies of accompaniment that aid in the scholastic development of the student with dyslexia. However, there is a lack of investments and the implementation of public educational policies that support these professionals in the development of their activities.

**Keywords:** Dyslexia. Student. Teacher. Public school.

## Introdução

A dislexia é um dos motivos mais frequentes de insucesso e de baixo rendimento escolar. Contudo, raramente esse transtorno é diagnosticado e tratado de forma correta, podendo ser confundido com outros transtornos como, por exemplo, a hiperatividade. Para Ianhez e Nico (2002), a identificação precoce da manifestação dos sintomas de dislexia é de grande importância para o desenvolvimento escolar da criança.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD) define a dislexia como sendo um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área de escrita, soletração e leitura. A ABD afirma que a dislexia não é resultado de má alfabetização ou baixa inteligência, mas de uma condição hereditária que apresenta alterações no padrão neurológico.

Nessa mesma direção, Giachetti (2002) e Capellini (2000) afirmam que a dislexia tem origem congênita, por isso é definida como um distúrbio neurológico. Crianças com dislexia, mesmo que recebam uma educação adequada, não apresentam avanços na escrita ou na leitura. Fato preocupante é que esse transtorno atinge milhares de crianças, as quais devem ter tratamento especial, entretanto, grande parte delas não recebe o diagnóstico correto, o que implica distorções na forma de elas serem tratadas.

Martins (2010) deixa claro que não basta apenas compreender a dislexia; é preciso que os professores troquem experiências e ideias com neurologistas, psicólogos e psicopedagogos, a fim de entender como um disléxico pode se desenvolver. De acordo com o autor, crianças com esse transtorno apresentam sintomas que variam de nível desde o mais sutil ao mais rigoroso, conforme a especificidade de cada uma. Em alguns alunos são identificados inúmeros sintomas, já em outros apenas algumas características. Por isso, o diálogo com outros profissionais se faz necessário. Para que se obtenha um diagnóstico precoce, é necessário que pais e professores fiquem atentos à história de vida do aluno e às manifestações linguísticas.

No que se refere às características da dislexia, existem duas vias: fonológica e léxica. A primeira transforma as unidades ortográficas em sons e as juntam, acontecendo. Assim, uma representação completa. Na segunda via, o reconhecimento da palavra e o acesso ao seu significado acontecem de forma rápida (Coltheart, 1978).

Os disléxicos fonológicos têm dificuldade no domínio do código para a leitura e têm sérios problemas de memorização. Esse tipo de dislexia

resulta de uma anomalia das capacidades de percepção da fala, as quais dificultam o desenvolvimento da consciência fonêmica. Em consequência de distúrbios anteriores nas habilidades involuntárias e inconscientes de percepção da fala, as dificuldades nessa área exigem a manipulação voluntária e intencional dos sons da fala (Capovilla, Capovilla & Suiter, 2004).

Os disléxicos de via léxica têm dificuldade em leitura rápida, com isso as leituras acontecem de forma silábica e ocorrem lentamente. Há também aqueles que apresentam dificuldade tanto na via fonológica quanto na léxica; esses são conhecidos como disléxicos mistos. A dislexia mista é a mais grave das situações e exige da pessoa maior empenho (Coltheart, 1978).

Outra categorização da dislexia é apresentada em dois tipos: a dislexia adquirida e a dislexia de desenvolvimento. A dislexia adquirida é caracterizada pela incapacidade de leitura, resultando muitas vezes de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) ou Traumatismo Cerebral (TC). A dislexia de desenvolvimento é um distúrbio de leitura e escrita que ocorre nos primeiros anos da educação infantil. A criança possui dificuldade de aprendizado e escreve com muitos erros ortográficos, mesmo com o Quociente de Inteligência (QI) acima do normal (Vicente & Martins, 2008).

Johnson e Myklebust (1983) classificam a dislexia como auditiva e visual. A dislexia auditiva se caracteriza pela dificuldade em distinguir diferenças e semelhanças em sons parecidos e também na dificuldade em compreender sons no meio de palavras. A dislexia visual se caracteriza pela incapacidade em diferenciar, recordar e interpretar palavras vistas. Crianças com dislexia visual apresentam dificuldades de discriminar detalhes, representar gráficos ou até mesmo mentalizar palavras, fazendo inversões de letras ou sílabas.

Os principais sintomas relacionam-se à escrita, letra ilegível, à dificuldade em leitura, interpretação de textos e matemática. As causas da dislexia, como dito anteriormente, são neurobiológicas e genéticas, desse modo ela pode ser herdada de familiares que também são disléxicos. As pessoas acometidas por esse transtorno processam informações em uma área diferente do cérebro e podem levar uma vida perfeitamente normal.

A suposição geral é a de que algo na conformação biológica dos disléxicos torna-os o que são. Afinal, se a criança possui boa inteligência, visão e audição adequadas, família e escola apropriada e não há bloqueio emocional, não há motivos para seu problema de aprendizagem, exceto se ela já nasceu com essa fragilidade (Ellis, 2001). Problemas com

lateralidade, organização, percepção visual, memória, tempo e assimilação podem ser indícios de dislexia. As crianças com o transtorno trocam, confundem, substituem, invertem e omitem palavras durante o seu aprendizado, tanto na língua escrita quanto na falada. Nesse caso, cabe ao professor, ao perceber que o aluno tem problemas de aprendizagem, solicitar ajuda de um profissional especializado e juntos desenvolverem estratégias que contribuam para o desenvolvimento da aprendizagem da criança (Ferreira et al., 2018).

Diante do exposto, é preciso sempre estar atento aos sinais que a criança apresenta. De acordo com Lanhez e Nico (2002), os sintomas mais comuns em alunos disléxicos, em alguns casos com maior ou menor grau de dificuldade, são: demora em aprender a falar, dificuldade na pronúncia de fonemas, chutar bola, amarrar os sapatos, escrever números e letras, demora em realizar leituras simples, insegurança, baixa estima, entre outros.

A dislexia também afeta o comportamento do indivíduo. Crianças disléxicas normalmente são muito tímidas, vergonhosas e preferem a solidão. São ansiosas, desmotivadas e tem baixa autoestima, vivem sempre com a certeza da incapacidade de atingir seus objetivos. Para Barbosa (2006), a dificuldade em ler e escrever pode estar relacionada ao emocional, cultural, cognitivo, podendo ser orgânica ou funcional. A autora relaciona os indícios de dislexia como “sendo os mesmos da disgrafia, porém no ato de ler”. Ela entende que a criança disléxica tem a mesma dificuldade da criança que tem disgrafia, tanto na escrita quanto na leitura.

Geralmente a dislexia pode ser observada já no primeiro ano de vida da criança que demora a falar, apresenta dificuldades na identificação e memorização de cores, números e até mesmo letras. Contudo, a manifestação dos sintomas se agrava ainda mais no momento do ingresso na vida escolar. Nessa fase, ela apresenta um rendimento abaixo do esperado para crianças de sua idade, fato este que pode aumentar os sintomas de inferioridade que surgem nos alunos, pois eles passam a não acreditam que são capazes de produzir algo, desenvolvendo, muitas vezes, pensamentos negativos.

Nesse sentido, Visca (2010) alerta que a dificuldade em ler e escrever não pode ser logo caracterizada como dislexia; é necessário um acompanhamento diferenciado e observação da história da criança em questão. Ao identificar baixo rendimento ou sintomas de dislexia em alunos, é importante que se procure ajuda especializada. Assim, o diagnóstico precoce é muito importante para que se consiga amenizar ou até mesmo superar esse problema. É preciso também o acompanhamento de

uma equipe formada por psicopedagogo, psicólogo e fonoaudiólogo, partindo desse ponto para uma averiguação a respeito das dificuldades enfrentadas pela criança, para, então, chegar ao diagnóstico correto. Se necessário, poderá ocorrer a intervenção de profissionais como neurologista, oftalmologista, otorrinolaringologista, entre outros.

Apesar de a dislexia ser considerada um transtorno na área da saúde, é totalmente educacional, cabendo à área da saúde somente a confirmação do diagnóstico. A solução e adaptação são de responsabilidade do setor educacional. Sendo assim, os professores devem buscar compreender e não julgar ou rotular as crianças. É necessário compreender a dificuldade permanente da dislexia, mas não deve impedir que o aluno receba carinho, atenção e atividades adequadas para que o mesmo venha a se desenvolver a seu tempo. A dislexia é muito mais do que uma dificuldade na leitura, e nunca aparece isolada. Para Fonseca (1995, p. 12), “uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais. Não podemos assumir atitudes reducionistas que afirmam que a Dislexia não existe”.

A intervenção na dislexia atualmente tem sido feita principalmente utilizando dois métodos de alfabetização: o multissensorial e o fônico. Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças jovens e deve ser trabalhado logo no início da alfabetização.

A respeito do método multissensorial:

A principal técnica do método multissensorial é o soletrar oral simultâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete a pronúncia da palavra fornecida pelo adulto, e escreve a palavra dizendo o nome de cada letra. Ao final a criança lê novamente a palavra que escreveu. A vantagem dessa técnica é fortalecer a conexão entre a leitura e a escrita. Algumas variantes do método multissensorial trabalham apenas com os sons das letras, e não com os seus nomes. A maioria delas parte das unidades mínimas (no nível da letra para unidades mais complexas (nível da palavra, e depois, da frase) (Capovilla, 2009, p. 01)

O método multissensorial é um dos mais eficazes para crianças com mais idade, que apresentam problemas de escrita e leitura há vários anos e que possuem o fracasso escolar em seu histórico. Nesse método, a criança traça letra por letra enquanto o professor diz o sim que corresponde, o mesmo diz o nome das letras várias vezes enquanto escreve. Esse

método é muito interessante e eficaz no desenvolvimento das crianças (Capovilla & Capovilla, 2017).

Embora a dislexia cause atraso no rendimento escolar da criança, deixando-a abaixo do esperado para a sua idade e sua intelectualidade, a dislexia quase nunca é identificada e tratada corretamente. Ler e escrever são habilidades básicas consideradas fáceis para a maioria das pessoas, portanto, até pouco tempo atrás, crianças que não conseguiam aprender a ler e escrever corretamente eram motivo de chacotas entre os colegas da escola. Nesse sentido, Teles (2004) afirma que identificar o problema facilita sua resolução. A sinalização, a avaliação e a identificação mostram as dificuldades que a criança terá futuramente, isso auxilia nos programas de intervenção precoce e esses minimizarão o insucesso escolar desses alunos.

A falta de diagnóstico atrapalha ainda mais a criança, afinal, não diagnosticá-la não quer dizer superar o transtorno. O tratamento precoce é a melhor maneira de ajudar a criança a superar seus desafios pessoais. É preciso observar as crianças e ficar atento a alguns sinais, tais como, demora em começar a falar (normalmente uma criança pronuncia suas primeiras palavras com um ano de idade), linguagem de bebê (quando aprendem a falar, utilizam muito termos de bebês e não conseguem concluir frases inteiras), dificuldades com nomes de cores, frutas e animais, não consegue decorar musiquinhas simples, dificuldade em pronunciar letras e nomes de colequinhas e não saber as letras do seu próprio nome, são sintomas que deve ser observado (Shaywitz, 2006). Por linguagem utilizamos do conceito de a qual nada mais é do que um conjunto estruturado de códigos que pretende transmitir uma informação (Dos Santos Oliveira, de Souza & Batista, 2019).

A busca por definições completas sobre a dislexia, segundo Shaywitz (2006), tem desencadeado várias pesquisas, contudo muitas são as conclusões que os pesquisadores chegam. Entre as descobertas, a mais nova delas é a respeito da dificuldade encontrada pelos disléxicos em relação ao reconhecimento das palavras durante o processo de decodificação fonológica, que transforma as letras em códigos fonológicos, porque são esses códigos que permite pronunciar e entender o significado das palavras.

É preciso lembrar que, durante a infância, estudar é a única obrigação que uma criança tem. Embora todos esperem que isso ocorra o mais rápido possível, nem sempre é possível. No caso das crianças disléxicas, quando elas se esforçam para aprender, podem desenvolver sintomas como: dores abdominais, dores de cabeça e mudança repentina de humor e comportamento. O agravante é que essas

crianças acabam sendo taxadas como crianças preguiçosas, desatentas e sem vontade de aprender; esses rótulos dificultam ainda mais o estado do indivíduo com dislexia. Sendo assim, reprovações e abandono escolar são ocorrências comuns na vida escolar do disléxico. Existem também consequências mais profundas, no nível emocional, como diminuição do autoconceito, reações rebeldes e delinquentes, ou de natureza depressiva (José & Coelho, 2000).

Nessa ótica, observa-se que é de fundamental importância que o professor conheça o aluno, entenda o assunto e, principalmente, identifique a fase em que ele se encontra. O desconhecimento do professor pode comprometer o desenvolvimento desse aluno. A motivação é necessária, pois quando se vê compreendida a criança se sente segura e capaz e com isso aumenta sua vontade de continuar tentando. Quando diagnosticado precocemente, o aluno tem mais chances de superar e enfrentar os desafios que a vida lhe impõe.

Com base nesses pressupostos, o objetivo geral deste estudo foi analisar as práticas de cinco professores de alunos disléxicos de uma escola da rede pública de ensino do município de Rolim de Moura – RO.

## Material e Método

Trata-se de um estudo transversal de abordagem qualitativa, descritiva. O método qualitativo, conforme descreve Minayo (2010, p. 57), pode ser definido como “[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. No que se refere à pesquisa descritiva, Gil (2008) afirma que essa modalidade de pesquisa tem por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Participaram do estudo cinco professores do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública estadual de ensino do interior de Rondônia, sendo quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, com idade entre 17 e 47 anos e tempo de formação entre 4 e 23 anos. Dos cinco participantes, dois possuem graduação em pedagogia e três em matemática, biologia e letras respectivamente.

A amostra foi constituída de forma intencional (GIL, 2008). Como critério de inclusão, os professores deveriam ministrar aula a pelo menos um aluno disléxico na referida escola e concordar em

participar da pesquisa. Foram excluídos aqueles que não contemplavam os critérios anteriores.

Para coleta das informações, utilizou-se uma entrevista semiestruturada com sete questões elaboradas pelos autores. A entrevista, segundo Batista, Matos e Nascimento (2017), é a técnica mais utilizada no processo de pesquisa de campo como coleta de dados sobre um determinado fenômeno. Por meio dela, os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. A entrevista teve como eixo principal investigar a compreensão e as estratégias utilizadas pelos profissionais como recursos pedagógicos no atendimento ao aluno disléxico.

Após a autorização da direção da escola, foram contatados os professores para apresentação do objetivo do estudo e, para aqueles que concordaram em participar, foi lida e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, foram entregues os formulários para o preenchimento dos dados demográficos de cada participante e realizadas as entrevistas, de forma individual, em uma sala restrita, livre de qualquer interferência.

Os dados foram analisados seguindo as orientações teóricas e metodológicas da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Após a gravação das entrevistas, foram realizadas as transcrições do material, obedecendo rigorosamente a autenticidade da fala. Em seguida, após leitura minuciosa do texto, foram identificados os eixos temáticos, os quais deram origem às categorias de análise orientadas pela Análise de Conteúdo.

### Resultados e Discussão

Com base nas informações alcançadas a partir das entrevistas, os resultados foram organizados em eixos temáticos que buscaram responder o objetivo principal do estudo que é conhecer a realidade vivida pelos professores acerca do processo ensino aprendizagem de crianças disléxicas. Nesse sentido, partimos do princípio de que a aprendizagem se dá por meio de diversos fatores que se integram entre si e que funcionam como o conjunto de competências e habilidades individuais do sujeito (Pinheiro & Batista, 2018).

Nesse contexto, as seguintes categorias temáticas foram elencadas: 1) Conhecimento do professor sobre a dislexia 2) Acompanhamento dos alunos disléxicos e os recursos oferecidos pela escola 3) Capacitação dos professores para lidar com alunos disléxicos 4) Dificuldades enfrentadas e estratégias utilizadas com os alunos disléxicos.

Com o intuito de manter o sigilo dos participantes, os nomes foram substituídos por códigos, sendo:

Professor 1, Professor 2, Professor 3, Professor 4 e Professor 5, e a nomeação se deu de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

#### *O conhecimento do professor sobre a Dislexia*

Nessa categoria, buscou-se investigar, nos depoimentos dos participantes, o quanto eles conheciam esse transtorno. Vale lembrar que, de acordo com a literatura, a dislexia é uma dificuldade na leitura e na escrita que acaba condicionando a forma como o aluno se relaciona no ambiente escolar; e que a criança portadora de dislexia com frequência altera os textos, pratica leitura com muita insegurança, escreve letras inversas (espelho), entre outros sinais. Portanto, os sintomas podem variar de aluno para aluno e de forma diversificada (Rocha, 2004).

Nas falas abaixo, os professores relatam seu conhecimento sobre a dislexia.

É uma dificuldade acentuada que ocorre no processo da leitura, escrita e ortografia, atribuídas a problemas sensoriais, intelectuais ou emocionais, ensino inadequado ou falta de oportunidade (Professor 2).

Dificuldade de aprendizado (Professor 3).

É um distúrbio que se apresenta na dificuldade da leitura e na escrita e existem diferentes graus desses distúrbios, uns mais avançados outros menos, mas em geral o aluno tem dificuldade em pronunciar corretamente as palavras e escrevem faltando letras ou ler rapidamente (Professor 4).

Distúrbio que afeta a leitura e a escrita do aluno (Professor 5).

Nota-se que nem todos os professores possuem uma visão clara a respeito do que é dislexia, por exemplo, enquanto dois professores demonstram segurança quanto ao transtorno, outros dois descrevem vagamente. No entanto, a literatura define dislexia como:

[...] um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação a idade. Apesar de submetida a instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídas problemas de leitura, em aquisição e capacidade de

escrever e soletrar. (*International Dyslexia Association – IDA*)

Isso nos leva inferir que o conhecimento não aprofundado do transtorno pode levar os profissionais a considerar a dislexia como doença, o que pode ser refutado. Conforme esclarecido, dislexia é um distúrbio de aprendizagem de origem congênita, a mesma não pode ser considerada uma doença e precisa de um diagnóstico apurado para auxiliar no seu tratamento. Quanto à identificação das características do aluno disléxico, os professores também não deixam muito claro, como mostram as falas a seguir:

Leitura lenta, hesitante e saltitante; Inventar, omite, acrescenta e inverte sílabas e palavras; Dificuldade em soletrar, problemas de coordenação motora e de dominância lateral (direita, esquerda) (Professor 2). Entender as regras, leis e conceitos (Professor 3). Para copiar o que é passado no quadro e na hora de ler para responder as questões (Professor 4). Ler, interpretar e analisar o que foi proposto (Professor 5).

Percebe-se, então, que alguns dos professores associam a dislexia apenas às dificuldades na leitura, na escrita e na ortografia. Ou seja, ainda apresentam dificuldades em descrever com precisão as características da dislexia. Portanto, é necessário identificar os sintomas, pois, muitas vezes a dislexia é confundida com outros distúrbios de aprendizagem. O que agrava ainda mais os casos, afinal, um bom diagnóstico auxilia no tratamento eficaz e, para que aconteça esse tratamento, é necessário identificar corretamente. Nesse sentido, Antônio (2009) afirma que as concepções e conhecimento do professor sobre a dislexia assumem grande importância no pré-diagnóstico, encaminhamento e intervenção.

Sendo assim, alunos que não têm o devido acompanhamento sofrem futuramente com problemas psicológicos e emocionais, tudo isso consequência de uma frustrada vida escolar. Portanto, professores e psicopedagogos precisam buscar sempre uma formação continuada, que deve ser oferecida pelas escolas, entretanto, essa ainda não é a realidade da escola investigada.

#### *O acompanhamento dos alunos disléxicos e os recursos oferecidos pela escola*

Nessa categoria, abordaremos a importância de um acompanhamento adequado para que o aluno disléxico se desenvolva adequadamente. Também destacamos os recursos, ou a falta deles, que a instituição em questão oferece. Quanto ao

acompanhamento do aluno, os professores parecem fazer da melhor forma possível dentro de suas capacidades, como mostram os depoimentos a seguir:

A maior dificuldade do disléxico é memorizar o som das letras, pois ele esquece facilmente. Com o disléxico tem que procurar outras ferramentas para estar tornando menos massacrante a aprendizagem dele. (Professor 1)

Trabalho autoestima do aluno; atribuo tarefas que o aluno seja capaz de fazer; respeito o seu ritmo, o mesmo precisa de mais tempo; utilizo enunciados simples; Não uso a leitura em voz alta perante a turma (Professor 2).

Encaminho à orientação e ao AEE para uma melhor análise (Professor 3).

Converso com os professores que estão na sala do AEE e eles me auxiliam como devo agir com relação àqueles alunos (disléxicos) e também faço pesquisas sobre o assunto (Professor 4).

Conversa informal com a professora da sala de apoio AEE para buscar orientações de como trabalhar com esses alunos (Professor 5).

Observa-se que os professores têm maneiras diferentes para lidar com a necessidade do aluno. Como se pode ver, o professor atribui tarefas adequadas para o aluno e aguarda seu tempo. Vale lembrar que o professor precisa sempre pensar em maneiras diferentes para que o aluno disléxico se sinta entrosado na turma e, assim, tenha condições para aprender. Sobre o acompanhamento, a literatura mostra que:

Um bom desenvolvimento nas habilidades de leitura e escrita depende das condições extrínsecas e intrínsecas depositadas sobre a criança. Condições extrínsecas podem favorecer uma aquisição mais fácil nesta etapa de evolução. Dentre estas, a exposição da criança a atividades que explorem a manipulação consciente dos sons poderá favorecer o desenvolvimento da linguagem escrita. (Nunes, Frota & Mousinho, 2009, p. 210).

Contudo, é preciso enfatizar que crianças disléxicas possuem o ritmo diferenciado dos demais alunos, mas isso não significa “não ser inteligente”. Os alunos disléxicos podem surpreender professores a qualquer momento. Busca-se, então, essa melhor relação professor aluno.

Nesse contexto, observamos que um dos entrevistados não utiliza a técnica de leitura em voz alta na sala de aula. Tendo em vista que o aluno disléxico tem mais dificuldades em aulas com esse formato, o professor utiliza sua autonomia para desenvolver atividades para esse aluno. O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo saber; se isso não acontecer, esse aluno não desenvolve sua

criatividade e capacidade para construir sua própria história de vida, por isso é importante que o professor conheça o universo cultural de cada um (Rodrigues & Silveira, 2008).

Um fato importante a ser pensado é que alunos com dislexia são desatentos e normalmente ansiosos. Sendo assim, o docente deve “ganhar” a confiança do aluno, para incentivá-lo a realizar as atividades propostas, mostrando ao mesmo que ele é capaz. É importante que o professor não pressione o aluno, não incentive competições e fazer apenas crítica construtiva, estimulando-o sempre.

Nota-se que três dos professores entrevistados buscam orientações juntamente com a psicopedagoga na sala do AEE. Os outros dois, além do atendimento do AEE, conversam informalmente com outros professores. O acompanhamento na sala especializada tem fundamental importância. O diálogo entre professores é fundamental, como afirma Queiroz:

Tomando como essencial o papel desempenhado por professores e gestores na implantação de um sistema inclusivo, dialogar com professores de educação especial que atuam em sala de recursos dentro das escolas de ensino regular, trabalhando em conjunto com os professores das classes comuns atendimento de alunos com deficiência intelectual, oferece a possibilidade de analisar como as indicações legais vêm se traduzindo em práticas. Esse diálogo auxilia-nos ainda a pensar como os professores especializados vêm se inserindo nessa nova proposta de atuação da educação especial. (Queiroz, 2010, p. 23).

Sendo assim, percebe-se a importância desse diálogo não só entre professores e psicopedagogos, para que juntos busquem as melhores estratégias, mas com todos os atores envolvidos, sobretudo a família. A presença dos pais na vida escolar é importante tanto para os alunos quanto para a escola (Batista, Mantovani & Nascimento, 2010).

Durante as visitas à escola, foi possível observar que é comum ver, em rodinhas de professores, um ou outro comentando que tal aluno não presta atenção, não faz as atividades, não participa. Reflete-se que, enquanto a rotulação chegar antes do diagnóstico, ainda serão vistos alunos que muitas vezes, por não receberem o devido incentivo, simplesmente desistirão de aprender.

Quanto aos recursos, é possível ver que todos buscam apoio na sala do AEE, onde acontece, em contraturno, o atendimento aos alunos com distúrbios que necessitam de uma observação específica, por uma psicopedagoga. Ao indagar sobre os recursos utilizados, obtiveram-se as seguintes respostas:

Sim; salas de acompanhamento com profissionais mais qualificados a acompanhar os alunos com dislexia (Professor 2).

Sim; possuímos professores especializados que me auxiliam com ajuda para o planejamento de aulas e atividades além de aulas de reforço para estes alunos; a escola possui também uma psicopedagoga que faz o acompanhamento dos alunos (Professor 3).

Observa-se a importância do acompanhamento nos alunos nas salas do AEE. É nesse ambiente que as psicopedagogas orientam e ensinam aos alunos com necessidades especiais com exclusividade. São essas salas do AEE que garantem de certa forma a permanência desses alunos no ensino regular, uma vez que:

Nesses espaços são desenvolvidas atividades a partir de estratégias que visem favorecer a construção de conhecimentos do aluno com necessidades educacionais especiais e sua participação na vida escolar. Deste modo, a sala de recursos multifuncional é um espaço que precisa estar preparado com materiais didáticos e pedagógicos, equipamentos e profissionais que tenham formação<sup>4</sup> para lidar com as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais (Braun & Marin, 2011, p. 12)

A importância desses acompanhamentos para os alunos com dislexia vai desde melhora na autoestima, como melhoras educacionais. Muitas crianças são alfabetizadas através de atividades ministradas por profissionais especializados que ministram aulas diferenciadas nas salas do AEE. A inclusão é um direito assegurado por lei. O conteúdo inclusivo reforça a necessidade de respostas educativas que acolham as necessidades de cada aluno durante todo o seu período escolar (Oliveira & Leite, 2000). Portanto, percebe-se mais uma vez a importância da formação continuada, que disponibilize para todos os profissionais da educação um auxílio diferenciado; afinal, esses alunos necessitam de um olhar distinto e cuidadoso.

#### *Capacitação dos professores para lidar com alunos disléxicos*

Nessa categoria temática, procurou-se descrever a percepção dos entrevistados quanto a sua capacitação para lidar com o aluno disléxico. Que o professor tem papel importante no desenvolvimento intelectual do aluno, isso é fato. Entretanto, no que se refere aos problemas de aprendizagem, tem-se notado que a

identificação desses problemas precocemente não acontece com tanta eficiência nas escolas. O mesmo se percebe em relação aos pais que muitas vezes, por não conhecerem as características da dislexia, acabam deixando de observar alguns sinais que a criança apresenta.

Nesse sentido, a formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino. Nessa perspectiva, esses sistemas devem assegurar que os professores estejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais (Prieto, 2006).

A fala do professor a seguir denota sua frustração pela falta de capacitação:

Eu sinto necessidade sim, não tive nenhuma formação além da faculdade... né, mas, é assim geralmente quando tem um aluno desses ele cai de paraquedas, assim, para o professor, mas é assim. A gente procura ler mais sobre o assunto, está entendendo o que que é e junto com a coordenação pedagógica preparar atividades para que ele possa está conseguindo aprender. (Professor 1)

Nota-se que a referida professora busca, na leitura individual, preencher a lacuna existente pela falta de capacitação. Entende-se que a ausência de conhecimento leva o professor a atitudes que contrariam as recomendações feitas para com o aluno disléxico. Ou seja, muitas vezes acontece de o professor, por desconhecimento, culpabilizar o aluno disléxico pela sua dificuldade de aprendizagem. Nesse caso, cabe à escola, na condição de responsável pela ação educacional, promover a capacitação dos profissionais envolvidos. Entretanto, não é isso que acontece, como mostram as falas a seguir:

Quanto à formação continuada, não temos a todos os docentes (Professor 2).

Sim, oferecem oficinas como as de elaboração de itens, oficinas sobre equipamentos audiovisuais. Apesar disso, acredito que seja necessário um maior preparo em relação à graduação, já que praticamente não existe nenhum tipo de formação nesta etapa (Professor 3).

Desde que trabalho aqui nunca houve, mas me disseram que no ano passado houve formação com a psicopedagoga que atua neste recinto (Professor 4).

Sim, portanto não é fornecida a todos e são realizadas poucas vezes (Professor 5).

De acordo com depoimentos dos professores, pode-se notar que apenas um dos entrevistados

participou ativamente de uma formação continuada, porém, ainda questiona a necessidade de maior preparo, principalmente, na graduação. Outros três professores afirmam não ter formação. E, quando é oferecida, não é para todos os profissionais da instituição. Nesse sentido, Ellis (1995) afirma que é o fato das instituições de ensino, sendo públicas ou privadas, independentemente do nível social, em sua maioria, não fornecerem uma resposta adequada e, em tempo hábil, às crianças que apresentam problemas de leitura e de escrita no ensino fundamental.

Vale lembrar que a formação continuada é algo essencial para que professores entendam e “aprendam” o que deve ser feito em casos de crianças com distúrbios de aprendizagem. Essas formações aperfeiçoam técnicas, capacitam e atualizam os docentes.

O saber docente não é formado apenas pela prática, sendo também nutrido pelas teorias de educação. Dessa forma, a teoria tem papel fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectiva de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais. (Pimenta, 2005, p. 24).

Diante dessa afirmativa, entende-se que a escola inclusiva precisa atender diversos públicos, com diversas dificuldades. Sendo assim, ao se falar em educação inclusiva, depara-se com a formação continuada, pois para se ter diferencial nessa modalidade é necessário que os professores tenham uma boa formação. É necessário elaborar, identificar e organizar recursos pedagógicos que facilitem o aprendizado.

É na escola que as crianças apresentam seus primeiros sintomas de dislexia. Com isso, o professor deve estar preparado para observar os primeiros sinais e saber lidar com a dificuldade apresentada pelos alunos disléxicos. Portanto, o que se testemunha são professores despreparados por falta de capacitação especializada. Essa má preparação dos professores e a rotulação sem conhecimento pode levar alunos com dislexia ao insucesso escolar e como resultado, à exclusão social.

Os professores afirmam ter uma equipe apropriada para lidar com os alunos com distúrbio de aprendizagem. A escola deve incentivar sempre os alunos e o mesmo deve sempre ter acompanhamento de uma equipe pedagógica adequada. Quando perguntamos sobre a existência de uma equipe que atende esses alunos, os entrevistados deram os seguintes depoimentos:

Sim. A equipe específica atende em tempo integral todos os alunos com todos os graus de dificuldades (Professor 2).

Sim. a escola possui um corpo docente voltado ao trabalho com alunos especiais, além de um ambiente próprio (sala do AEE) e o atendimento de uma psicopedagoga (Professor 3).

Existe a sala de recursos (AEE) com a psicopedagoga e duas pedagogas, que acompanham esses alunos em contra turno (Professor 4).

Eles se empenham em auxiliá-los. Quando levam atividades para casa eles devolvem resolvidas, percebo que eles têm um contato mais direto com os profissionais que trabalham na sala do AEE (Professor 5).

Nota-se que a equipe específica parece, dentro de suas limitações, fazer o melhor no atendimento. Vale lembrar que o atendimento do aluno disléxico é desafiador. Acima de tudo deve-se aceitar que ela tem o transtorno e as dificuldades que irá enfrentar por muito tempo. Levando em consideração até mesmo os preconceitos que ela virá a sofrer. É necessário que pais e professores compreendam que o transtorno pode durar para sempre.

Quanto ao método aplicado para o trabalho com disléxicos:

[...] entende-se que deva ser apropriado e possuir as melhores estratégias para inserir os educandos na sala de aula “normal”, juntamente com outras crianças, com um professor que compreenda seus problemas e que organize as aulas de forma a poder prestar ajuda extra, dentro da sala, sempre que eles precisarem (Tavares, 2008, p. 21).

Nesse sentido, o professor precisa sempre pensar em maneiras diferentes para que o aluno disléxico se sinta entrosado na turma e, assim, tenha condições para aprender.

#### *Dificuldades enfrentadas e estratégias utilizadas com os alunos disléxicos*

Nesse quesito, volta-se a atenção para as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam com alunos disléxicos e também se busca o conhecimento sobre as estratégias utilizadas pelos mesmos diante de tal situação. Desse modo, analisam-se primeiramente as dificuldades voltadas para a prática de ensino se percebe nas falas que as principais dificuldades enfrentadas pelos professores estão relacionadas à aquisição de materiais na alfabetização e na busca de conhecimento para poder se especializar.

O disléxico precisa olhar atentamente, ouvir atentamente, atentar aos movimentos da mão quando escreve e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala. Isso dificulta o trabalho, pois, falta tempo durante o horário de aula (Professora 2). A falta de preparo para enfrentar não somente esta, mas vários outros tipos de adversidades (Professora 3).

Na hora de responder questões por escrito, ler e compreender a leitura; quando já esta conseguindo identificar algumas palavras; o que não é o caso de alguns que já trabalhei, pois a maioria ainda não está alfabetizado (Professora 4).

Ao observar as falas dos professores, nota-se que alguns entendem que a maior dificuldade encontrada é o tempo, pois para um bom aprendizado é necessário observar o aluno e prestar atenção nos detalhes. Outros veem a falta de preparo como principal adversária, pois os seus alunos são diversificados. Outros já questionam o fato de receber alunos com distúrbios muitas vezes não alfabetizados.

Devido à falta de formação do professor na graduação ele ainda não está preparado para detectar estes problemas. [...] por isso os professores devem-se especializar-se para que este aluno não sofra tanta discriminação na vida escolar, uma vez que este ainda não recebe um acompanhamento adequado para superar esta dificuldade (Rodrigues & Silveira, 2008, p. 3).

Diante do exposto, observa-se que a capacitação do professor tem efeitos que vão além do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno. O professor bem preparado ajuda o aluno disléxico a enfrentar a discriminação e o preconceito vivido. Quando questionados sobre as atividades que ministram para alunos disléxicos, os professores deram as seguintes respostas:

Sempre utilizando atividades de aprendizagem multissensorial. Combinando sempre a visão, a audição e o tato para ajudá-lo a ler e soletrar corretamente as palavras, os símbolos, etc... (Professor 2).

Acredito que a falta de tempo para trabalhar com estes alunos seja um ponto negativo e que influencia em seu rendimento, já que passo menos de duas horas e meia na turma e preciso dividir minha atenção com mais de 20 alunos. São menos de 7 minutos por aluno por semana (Professor 3).

A dificuldade é com a leitura e a escrita, mas utilizo a régua embaixo das palavras para facilitar a leitura, passo algumas listas de palavras acho que assim fica mais fácil para compreender, não confundir as letras. (Professor 4).

Nota-se que os professores desenvolvem atividades que vão desde aquelas focadas no desenvolvimento e na aprendizagem multissensorial até aquelas que visam à integração e a inclusão do aluno disléxico. Observa-se que a utilização do método multissensorial durante suas aulas demonstra a preocupação de alguns professores com o avanço da aprendizagem do aluno disléxico. Esse método é um dos mais indicados pela literatura pela sua eficácia com alunos disléxicos.

Nessa proposta, busca-se desenvolver as capacidades perspectivas do aluno, buscando trabalhar todos os sentidos durante as atividades. Para isso, o professor deve receber orientações adequadas de como atuar com essa criança. Dois dos entrevistados realizam atividades em que todos os alunos possam estar envolvidos, contando que na sala existam mais de 20 alunos que também necessitam de aprendizado. Já a psicopedagoga utiliza músicas, de estilos de Raps, conteúdos que o aluno presencia no seu cotidiano, textos curtos que são repetidamente lidos e de formas diferenciadas.

Entre as estratégias utilizadas pelos professores, pode-se perceber que grande parte deles utiliza leitura em voz alta e atividades orais. Nesse sentido, cabe ao professor modificar e perceber a necessidade do seu discente.

Embora muitos professores interpretem as adaptações curriculares como sendo medidas que se referem a um “abrir mão” da qualidade do ensino ou “empobrecer as expectativas educacionais”, as adaptações curriculares podem ser as únicas alternativas possíveis para os alunos que apresentam necessidades especiais, como forma de evitar a sua exclusão. (Tavares, 2008, p. 43)

Sob essa ótica, o importante é que o professor traga a seu aluno atividades que o instiguem a permanecer na escola, que o auxiliem a compreender, que eleve sua autoestima e que o faça querer sempre mais. Para isso, é necessário que o professor confeccione novos métodos afim de manter o aluno sempre atento.

No depoimento a seguir, a professora aponta alguns caminhos que podem ser utilizados como estratégias em sala de aula:

Papel da escola assim como o dos pais é incentivá-lo durante a alfabetização, depois que passa a alfabetização. Se a equipe pedagógica sabe, a orientação, sabe que ele tem essa dificuldade, ai vai procurar incentivar ele, tanto o professor em sala de aula, não ficar, às vezes passa uma tarefa ele demora a fazer e ai fica humilhando o aluno, isso não, e quando a escola sabe disso vai procurar ajudar o

aluno a não... não parar, a passar por essa limitação que ele pode vencer assim como os outros e ser alfabetizado assim como os outros. (Professor 1)

Todavia, o que é visto é que os profissionais da educação trabalham com atividades fechadas, normalmente de livros, esquecendo que dentro da sala há uma criança com a mesma capacidade que os outros, mas com um desenvolvimento lento e que pode se prejudicar drasticamente se não tiver novos meios de aprender.

Diante dos depoimentos levantados nas entrevistas e da revisão teórica que embasou esse estudo, entende-se que é na escola que o aluno irá adquirir alfabetização e isso fará com que tenha um futuro profissionalizante brilhante. No entanto, para que isso aconteça de forma adequada, é necessário o olhar atento do professor. Assim, entende-se também que a escola tem que ser democrática e atenta aos tipos de distúrbios existentes, como o caso da dislexia que, quando diagnosticada precocemente, facilita o aprendizado. A escola precisa acolher o aluno disléxico enfatizando suas qualidades. Também é importante respeitar o tempo do aluno com dislexia, cuidar do seu aprendizado e prepará-lo para ser capazes de lutar por seus objetivos. Pois, a aprendizagem é influenciada além dos fatores externos, por aptidões mentais que fornecem consciência e oportunidade para trabalhar esses estímulos (Pereira *et al.*, 2018).

O professor, por sua vez, não deve expor o aluno, solicitando que ele leia para a classe ou corrigindo-o na frente de todos. As avaliações devem ser feitas de forma variada, explorando o que o aluno tem de melhor, seja ela habilidade artística ou física. Segundo Martins (2001), o zelo pela aprendizagem passa pela recuperação daqueles que têm dificuldade de assimilar informações, seja por limitações pessoais ou sociais. Eis porque há necessidade de uma educação dialógica, marcada pela troca de ideias e opiniões, de uma conversa colaborativa em que não se cogita o insucesso do aluno. Nesse sentido, a responsabilidade do educador aumenta de forma contínua, devido às exigências da sociedade contemporânea (Trettel & Batista, 2016).

Diante disso, pode-se entender que o mais significativo é o quanto o aluno sabe, independentemente da forma que demonstra, seja ela escrita ou falada. Em relação àqueles que têm problemas com escrita e com a linguagem, esse cuidado possibilita que aprendam, mesmo que para isso se repita com calma os procedimentos a fim de que assimilem a ideia.

Assim, a dislexia não deve ser vista como barreira, pelo contrário, todos independentemente das suas

limitações ou dificuldades, que acreditam no futuro e traçam metas e objetivos para a vida, conseguem alcançar um futuro muito promissor, com garra, força e dedicação. Muitas pessoas reconhecidas pelos seus talentos eram disléxicas e venceram toda forma de preconceito e críticas.

### Considerações finais

Este estudo teve por objetivo conhecer as experiências cotidianas de quatro professores e de uma psicopedagoga que trabalham em uma escola da rede pública estadual de ensino do interior de Rondônia. Ao concluir, percebeu-se que nem todos os professores entrevistados que atuam com crianças disléxicas possuem conhecimento aprofundado sobre esse distúrbio. Tal fato demanda melhor esclarecimento por parte desses professores, uma vez que o primeiro passo para lidar com o aluno disléxico é conhecer melhor as características desse transtorno.

Também, observou-se que os professores têm se empenhado para dar o melhor de si no acompanhamento dos alunos disléxicos, mesmo com as limitações e conhecimento pouco aprofundado sobre a dislexia. Além disso, pode-se constatar que os recursos oferecidos aos professores são escassos, e que dentre esses o que mais tem trazido resultados são as atividades desenvolvidas no AEE. Durante a pesquisa, constatou-se que um dos principais problemas enfrentados pelos profissionais da escola que lidam com a dislexia, entre estes a psicopedagoga, é a falta de investimento em capacitação dos entrevistados. Ações que visem uma formação continuada são escassas e, quando ofertadas, não contemplam todos os profissionais. Diante da falta de investimentos, os profissionais

colaboradores utilizam as mais variadas estratégias visando o melhor desempenho do aluno disléxico. Os entrevistados ainda apontam a ausência da família no auxílio do aluno com dislexia, e que tal situação contribui para o atraso na aprendizagem do aluno.

Tal constatação permite a inferência de que a dislexia, um dos problemas de aprendizagem vigente no ambiente escolar, ainda não recebe atenção necessária por parte dos setores responsáveis. Não pela falta de esforço de professores e de psicopedagogas, mas sim pela falta de políticas públicas eficazes que contemplem o que é garantido por lei. Entende-se que é preciso que o estado assuma o compromisso de ofertar uma educação de qualidade para os alunos, independentemente das limitações que apresentem.

Nessa perspectiva, é preciso que haja investimentos em formação continuada dos profissionais da educação que trabalham com alunos com rendimento abaixo do esperado. É preciso investir em recursos humanos, na contratação de mais profissionais. A escola, por sua vez, precisa se aproximar da família, pois não basta cobrar o auxílio dos pais às crianças disléxicas; é preciso orientar essas famílias, pois elas também não estão preparadas para lidar com o problema.

Contudo, esse estudo apresenta limitações relacionadas ao número reduzido de participantes e amostragem. Por motivos diversos, esses aspectos não puderam ser analisados com maior profundidade. Considera-se que outros atores envolvidos na escola fazem parte dessa demanda, como diretor, orientador, supervisor entre outros. Assim, há necessidade de se realizar novos estudos que preencham essas lacunas e promovam novos conhecimentos sobre essa temática.

### Referências

- Barbosa, L. M. S. (2006). *Psicologia: um diálogo entre a pedagogia e a educação*. 2 ed. Curitiba. Bolsa Nacional do Livro.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, E. C., Mantovani, L. K. S., & Nascimento, A. B. (2015). Percepção de suporte familiar de alunos com histórico de reprovação escolar. *Debates em Educação*, 7(13), 50.
- Batista, E. C., de Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Berberian, A. P. (2003). Princípios norteadores da avaliação clínica fonoaudiológica de crianças consideradas portadoras de distúrbios de leitura e escrita. In: Berberian, A. P., Massi, G. A., & Guarinello, A. C. *Linguagem escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica*. São Paulo: Plexus. p. 11-38.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília,

- 
- Braun, P., & Vianna, M. M. (2011). Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano de ensino individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico. Educação especial e inclusão escolar. RJ: Ed. UFFRJ.
- Capovilla, A. G. S. (2008). Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção. *Revista Psicopedagogia*, 25(78), 185.
- Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2004). *Alfabetização: método fônico*. 3 ed. São Paulo, SP: Memnon, Fapesp.
- Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2017). Etiologia, avaliação e intervenção em dislexia do desenvolvimento. In: Capovilla, F. C. (Org.) *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. 2. ed. São Paulo: MEMNON, p. 49-76.
- Capovilla, A. G. S. *et al.* (2004). Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8(2), 189-197.
- Capovilla, A. G. S., Capovilla, F. C., & Suiter, I. (2004). Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. *Psicologia em estudo*, 9(3), 449-458.
- Coltheart, M. (1978). Lexical access in simple reading tasks. In: Underwood, G. (org.) *Strategies of information processing*. London: Academic Press.
- Dos Santos Oliveira, F. R., de Souza, S. M., & Batista, E. C. (2020). Pensamento, Linguagem e Comunicação: um Ensaio Sobre Estes Processos Mentais na Prática Psicológica. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC*, 4(1), 41-49.
- Dos Santos Ferreira, A. C., Buonarotti, D. C. B., Queiroz, H. D. Z., de Araújo, S. R., & Batista, E. C. (2018). Dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais do aluno: uma contribuição da psicologia escolar. *Revista Interação Interdisciplinar*, 2(1), 05-21.
- Ellis, A. W. (2001). ***Leitura Escrita e dislexia: uma análise cognitiva***. 2. ed. Arimed. Porto alegre: artes Médicas>
- Fonseca, V. (1995). *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. 2. ed, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas,
- Ianhez, M. E., & Nico, M. A. (2002). *Nem sempre é o que parece: como enfrentar a Dislexia e os fracassos escolares*. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Johnson, D. J., & Myklebust H. R. (1987). *Distúrbios de Aprendizagem*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.
- José, E. A, & Coelho, M.T. (2000). *Problemas de aprendizagem*. 12. ed. São Paulo: Ática,
- LDB – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394*. (1996). Brasília,
- Martins, V. (2002). Dislexia e educação especial. In: Bello, J. L. P. (Org.) *Pedagogia em Foco*. Fortaleza.
- Martins, V. (2002). Professor aponta a dislexia como maior causa do fracasso escolar. *Zero-a-seis*, 4(5), 1-2.
- Martins, V. (2016). *Educação especial, Dislexia e gafes linguísticas*.

- Nunes, C., Frota, S., & Mousinho, R. (2009). Consciência fonológica e o processo de aprendizagem de leitura e escrita: implicações teóricas para o embasamento da prática fonoaudiológica. *Revista Cefac*, 11(2), 207-212.
- Oliveira, A. A. S., & Leite, L. P. (2000). Escola inclusiva e as necessidades educativas especiais. In: Manzini, E. J. (Org.). *Educação Especial: temas atuais*. Marília: UNESP Marília, p. 11-29.
- Pereira, C. M., de Souza, G. M., da Costa, N. V. M., Rossini, R. P., Gomes, A. M., & Batista, E. C. Autoeficácia Percebida por Estudantes do Primeiro Período de um Curso de Pedagogia. *Revista Científica FAEST-RECF*, 6(1)13-23.
- Pimenta, S. G. (2005). Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e pesquisa*, 31(3), 521-539.
- Pinheiro, M. N., & Batista, E. C. (2018). O aluno no centro da aprendizagem: uma discussão a partir de Carl Rogers. *Revista Psicologia & Saberes*, 7(8), 70-85.
- Rodrigues, M. Z., & Silveira, L. (2008). *Dislexia: distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no Ensino Fundamental*. 24 abr.
- Rocha, E. H. (2004). *Crenças de uma professora e seus alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Tavares, H. V. (2008). *Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais*, São Paulo.
- Teles, P. (2004). Dislexia: como identificar? Como intervir? *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 20(6), 713-30.
- Trettel, U. R., & Batista, E. C. (2008). A Importância da brincadeira no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. *Revista Científica FAEST*, 4(1)18-31.
- Visca, J. (2010). *Clínica psicopedagógica e epistemologia convergente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

*Criscilan Raiane de Freitas Ponce*

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

E-mail: criscilanraiane@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8041-127X>

*Francisca Valda Gonçalves*

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS/FCR – Faculdade Católica de Rondônia.

E-mail: vandavalda@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-0443-3826>

*Eraldo Carlos Batista*

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS/ FCR – Faculdade Católica de Rondônia.

E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-7118-5888>

Recebido em: 03/01/2020

Aceito em: 01/09/2020